

NÃO NOS DEIXAM FALAR, ENTÃO NÃO SOMOS INTERROMPIDAS: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero

Graziela Cucchiarelli Werba¹
Michele Chinelato de Carvalho²

Resumo: Este artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica, que teve como objetivo analisar a construção da linguagem sexista a fim de melhor compreender de que formas a discriminação de gênero nela se expressa. Também buscou verificar se usar a linguagem sexista é um modo de criar e ou reforçar dominações de gênero. Para tanto, foi utilizada a psicologia social histórico-crítica, através da perspectiva de gênero. Buscamos responder através desse método de que forma se deu a construção da linguagem sexista, com a finalidade de contribuir na revisão do modo em que são abordados os gêneros. A partir dos dados levantados foi possível perceber os comportamentos que reforçam a discriminação de gênero através dos diferentes modos de dominação pelo uso da linguagem, e a repercussão que eles trazem para a constituição da subjetividade feminina, pois roubam a sua voz e por consequência, sua cidadania.

Palavras-chave: Gênero. Linguagem sexista. Discriminação.

THEY WILL NOT LET US TALK, SO WE WILL NOT BE INTERRUPTED: the sexist language propagating gender discrimination

Abstract: This article consists of a bibliographical research, whose objective was to analyze the construction of the sexist language in order to better understand in what ways the gender discrimination in it is expressed. It also sought to verify that using sexist language is a way of creating and / or reinforcing gendered dominations. For this

¹ Professora Doutora do curso de Psicologia da ULBRA Torres. E-mail: grazielawerba@terra.com.br

² Acadêmica do curso de Psicologia ULBRA Torres

the historical-critical social psychology was used, through the perspective of gender. We seek to respond through this method in the form of the construction of sexist language, with the purpose of contributing to the revision of the way in which the genders are approached. From the data collected, it was possible to perceive the behaviors that reinforce the discrimination of gender through the different modes of domination by the use of language, and the repercussion that they bring to the constitution of feminine subjectivity, since they steal their voice and, consequently, their citizenship.

Keywords: Gender. Sexist language. Discrimination.

1 Introdução

A linguagem como a conhecemos atualmente ainda é o que podemos denominar de sexista. Entretanto, até que os movimentos feministas denunciassessem, o uso do masculino como universal, enquanto prática de sexismo, era considerado natural. Segundo Colling (2004, p. 14) “O modo mais eficiente para desconstruir algo que parece evidente, sempre dado, imutável, é demonstrar como esse algo se produziu, como foi construído”.

A partir de estudos de gênero e de um grande interesse com esta linha de pesquisa, passamos a ter curiosidade pelas questões pertinentes. Entre estas, despertou especial interesse o uso do masculino como linguagem universal. Inicialmente resistentes às provocações sobre o feminismo e gênero, fomos gradativamente aumentando a curiosidade sobre tais estudos e pesquisas, percebendo que são parte viva do nosso cotidiano.

Ao iniciar o aprendizado dos estudos feministas e de gênero, passamos a ler o mundo de outra forma e esta leitura nos instiga a ampliar a compreensão sobre os fenômenos relacionados.

Para iniciar a reflexão, achamos importante conceituar algumas categorias da psicologia social que vão surgir ao longo do texto como linguagem, ideologia, patriarcado, gênero e linguagem sexista, a fim de deixar mais nítida a nossa linha de pensamento. De forma breve abordaremos a construção da linguagem, a história da linguagem sexista e tentaremos trazer o estado da arte deste tema.

A presente revisão teórica foi elaborada a partir de pesquisa bibliográfica. A fim de investigar e melhor compreender de que forma se deu a construção da linguagem sexista, utilizamos o método exploratório, que

[...] tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. (PRODANOV, 2013, p. 51).

Para a compreensão do fenômeno em um nível mais profundo também foi utilizado o método explicativo, que tem por finalidade “[...] identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos”. (PRODANOV, 2013, p. 53).

Segundo Prodanov (2013), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas.

A metodologia “indica um processo de construção, um movimento que o pensamento humano realiza para compreender a realidade social.” (GONSALVES, 2012, p. 61). Buscamos responder através desse método de que forma se deu a construção da linguagem sexista, a fim de contribuir na revisão do modo em que são abordados os gêneros.

O levantamento dos dados se deu através de livros, artigos e materiais de sites e blogs que abordam o tema, sempre levando em consideração a fonte original. Por fim, para análise e discussão dos dados utilizamos a psicologia social histórico crítica, através da perspectiva de gênero.

A construção da linguagem através da experiência

Como descreve Barbosa (2004), é através da linguagem que o sujeito interage com o meio, linguagem esta que contribui significativamente para a sua constituição e da sua subjetividade, a simbolização. Nesse âmbito, inclui-se tanto a linguagem verbal (falada ou escrita), como a linguagem não verbal. É uma prática social que conduz as relações, o modo de pensar e inclusive agir.

A busca por uma comunicação bem sucedida revela, como consequência, uma outra necessidade que é a da interação social. A vida para se tornar plena necessita está em contato com outras vidas, pois só assim é possível dar sentido ao ato comunicativo (BARBOSA, 2004, p. 14).

Tendo em vista essas implicações, o uso de uma linguagem sexista, ou seja, uma linguagem que privilegia um gênero, no caso, o masculino, corrobora com a desigualdade. Isto se dá através de uma ideologia patriarcalmente dominante, da invisibilidade ao feminino e por meio da interação social permitindo a construção destes significados.

O quadro abaixo nos permite entender um pouco como a dinâmica da linguagem funciona:

Figura 1: Quadro das Funções da Linguagem de Jakobson³ (1969, citado por BARBOSA, 2004, p. 24).

Função	Foco da ação comunicativa
1. Função Referencial	A mensagem é dirigida de modo especial para o contexto, na tentativa de expressar significados, ou, em outras palavras, apresentar uma informação sobre algo ou alguém.
2. Função Emotiva	O foco da ação é revelar as emoções vividas pelo emissor ao se comunicar. Não há uma grande preocupação com o conteúdo intelectual da mensagem.

³ JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

3. Função Conativa	O foco é o destinatário, ou receptor, da mensagem, cujo objetivo é levá-lo a fazer algo que é do desejo do emissor da mensagem.
4. Função Poética	O destaque recai sobre a mensagem, que revela os recursos imaginários, metafóricos, expressos pelo emissor. Dá-se uma grande importância às palavras, suas combinações e os efeitos causados por estas combinações na própria linguagem.
5. Função Fática	A ênfase é no contato entre os agentes da comunicação, visa apenas estabelecer um contato entre o emissor e o receptor da mensagem.
6. Função Metalinguística	O foco é a própria linguagem, é uma forma de explicitar o que, de uma forma ou de outra, está implícito no conteúdo da mensagem.

Através desse quadro podemos perceber que pela linguagem é possível dar ênfase a determinados aspectos e diminuir a importância de outros, o que fica muito claro através da elocução que utilizamos na qual predomina o masculino. Aprendemos muito cedo que a palavra no masculino encerra a linguagem universal e que abrange os gêneros, tornando também a linguagem genérica. Predomina no discurso que o homem descobriu, inventou, lutou, e as mulheres, onde estavam? Invisibilizadas pela linguagem.

Segundo Garcez⁴ (1998, citada por BARBOSA, 2004, p. 25): “A língua é produto de um trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se

⁴ GARCEZ, Lúcia Helena do Carmo. 1998. A escrita e o outro. Brasília: Editora da UNB.

multiplica de forma contínua e duradora [...]”. Cabe então perguntar, como se deu essa construção linguística?

De acordo com Colling (2004), a História existe como disciplina científica desde o século XIX, e sua construção se deu a partir das representações sociais dos homens. Durante muitos anos o gênero masculino dominou também a escrita da história, sustentado pela condição subalterna das mulheres. O domínio desta disciplina facilitou a criação do privilégio na linguagem, através de narrativas que invisibilizam o gênero feminino. Enfim, o masculino como universal, se solidificou como mais uma das formas de dominação de gênero e se legitimou pelas regras gramaticais.

A inflexibilidade nas regras gramaticais, mesmo que de modo sutil, termina por reforçar a desigualdade entre os gêneros. Se as mulheres não são nomeadas, e aprendem que isso é correto, não há questionamento, é natural. Por outro lado, sabemos que naturalizar é uma forma de dominar e de produzir ideologia. Contudo,

Ao se admitir o caráter de construção que a história possui, inclusive o papel de homens e mulheres na sociedade, é possível criar o que Michel Foucault chamou de “fraturas do presente” pois, se algo não foi sempre assim, nada determina que assim se conserve (COLLING, 2004, p. 14).

Através do conhecimento detêm-se o saber, por meio de novos constructos é possível questionar a realidade, e por fim, criar a própria ideologia.

Ideologia e a dominação de gênero

A ideologia é vista pelo senso comum, como um conjunto de ideias e valores que expressam as visões de mundo de um sujeito ou determinado grupo, já a partir de concepções científicas, Thompson (2011) define que pode conter sentido neutro ou crítico.

Nesse caso, cabe usar a ideologia que tem o sentido de uma prática negativa utilizada para criar e manter relações assimétricas. Dessa forma, trabalha para transformar a subjetividade dos sujeitos através de formas simbólicas, para criar ou reproduzir relações de dominação. Trata-se de uma forma assimétrica e desigual de apropriação das capacidades alheias.

Essa apropriação se dá sem o consentimento das pessoas, pois elas estabeleceram as suas relações da forma que lhes foi apresentada.

As relações desiguais se estabelecem através da linguagem, que, ao criar diferentes conotações para determinadas realidades, reproduz dominação, através de uma ideologia negativa. Na medida em que o masculino é o gênero que abarca, sendo reconhecido como suficiente e universal para representar a espécie humana, evidencia sua superioridade e marca o território.

Patriarcado como processo de subordinação das mulheres

As teorias do patriarcado costumam explicar o processo de subordinação feminina como construído a partir da necessidade masculina de dominar as mulheres, tendo origem no desejo dos homens de transcender sua privação dos meios de produção da espécie. Devido à capacidade de dar à luz e amamentar ser exclusivamente feminina, e sendo um trabalho que demanda tempo, exigiu dependência das mulheres em relação aos homens, que se tornaram os provedores do lar. “Pouco a pouco foram havendo modificações na estrutura social das clãs, e com a prática da monogamia foi possível definir a paternidade, o que, junto com a propriedade privada, deu origem ao patriarcado” (PREHN, 1999, p. 60).

Com a ascensão do capitalismo, a mulher se tornou moeda de troca, servindo de aliança entre famílias que tinham interesses econômicos. A mulher que era propriedade do pai passava a ser propriedade do marido, sucumbindo cada vez mais à submissão. Dessa forma, os homens dominaram a política, a

cultura, a economia, ou seja, a esfera pública, e às mulheres restou o privado, que se detém nas tarefas domésticas, fazendo com que seja abdicada do acesso à cultura, à informação e principalmente à oportunidade de criar o próprio espaço, construir história, e ser nomeada como tal (PREHN, 1999).

Para Badinter (1985), o patriarcado não designa só uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno, mas também toda a estrutura social que nasce de um poder de pai, que se transfere à sociedade, convertendo-se no poder dos governantes. Esse processo durou vários séculos e exigiu uma transformação ideológica, política, econômica, social e até religiosa para solidificar o poder absoluto do homem. A consolidação do patriarcado produziu uma relação entre os sexos, na qual complementaridade converteu-se numa radical assimetria e, em certos casos, em exclusão das mulheres.

Para Scott (1990), as teorias do patriarcado não explicam suficientemente a natureza das relações entre homens e mulheres. São teorias que repousam sobre a diferença física e não à historicidade do gênero em si mesmo.

Gênero, uma categoria social

Conforme o Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996, p. 332):

Representando o aspecto social das relações entre os sexos, gênero é um conceito que se distingue do conceito biológico do sexo [...] O gênero se constrói e se expressa em muitas áreas da vida social. Inclui a cultura, a ideologia e as práticas discursivas, mas não se restringe a elas. A divisão do trabalho por gênero no lar e no trabalho assalariado, a organização do estado, a sexualidade, a estruturação da violência e muitos outros aspectos contribuem para a construção das relações de gênero [...] a diferença de gênero se associa a desigualdade de gênero, com os homens exercendo poder sobre as mulheres.

A categoria gênero, segundo tem sido colocada por historiadores que a tem utilizado, indica a rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos

termos sexo ou diferença sexual e introduz a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres é socialmente construída através da atribuição a estes de papéis diferenciados e hierarquizados (SCOTT, 1990).

A definição de gênero compõe-se de duas partes: primeira parte, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos; segunda parte, gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder. Gênero se constitui no “meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1990, p. 16).

A categoria gênero vem se constituindo, portanto, em ferramenta fundamental para diferentes campos do conhecimento que se preocupam com o estudo das relações entre homens e mulheres. Cabe enfatizar também que os estudos de gênero implicam integrar as mulheres na narrativa histórica.

Até aqui trabalhamos com os conceitos que nos auxiliam no entendimento da construção e manutenção de uma linguagem sexista, como um dos modos mais sutis de dominação de gênero. Passaremos a discutir os modos de articulação da linguagem de gênero e buscaremos compreender como ela se sustenta nas relações entre os gêneros.

Linguagem sexista e suas implicações subjetivas

As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a imagem de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem levar-nos a compor nossa percepção do mundo e inclusive a que nossa situação se oriente de uma determinada maneira (CALERO⁵, 2002, citada por FRANCO E CERVERA, 2014, p. 19).

Através da linguagem e o contexto social a que ela pertence, é que se estabelecem os conceitos a respeito do feminino e do masculino. “[...] a língua

⁵CALERO, Maria. Del silencio al lenguaje (perspectivas desde la otra orilla). En Femenino y en Masculino. Madrid: Instituto de la mujer. 2002.

em si não é sexista como sistema, mas o que é sexista é o mau uso que se faz dela, [...]" (FRANCO E CERVERA, p. 26).

Através da linguagem atribuem-se significados para a compreensão do meio em que se vive. É uma capacidade exclusivamente humana, a de simbolizar. Sendo assim, o que não é nomeado, não existe. Desta forma, pode-se compreender que ao se nomear o masculino como linguagem universal, há a invisibilidade do feminino.

Diante do uso da linguagem sexista, propaga-se uma cultura de discriminação de gênero de forma natural. O que corrobora para que comportamentos machistas como Maninterrupting, Bropropriating, Mansplaining, e Gaslighting se perpetuem de forma silenciosa (LIGUORI, 2015).

Maninterrupting

Maninterrupting é a junção de duas palavras em inglês (man + interrupting = homens que interrompem). O maninterrupting ocorre frequentemente em reuniões, palestras, debates, diversos ambientes onde as mulheres não conseguem concluir suas colocações devido a interrupções desnecessárias feitas pelos homens (LIGUORI, 2015).

Segundo Montesanti (2016) o termo surgiu em 2015, com o artigo "Speaking while Female" (falando enquanto mulher), escrito por Sheryl Sandberg e Adam Grant, onde citaram um estudo de psicólogos de Yale que revela como senadoras americanas se pronunciam significativamente menos do que seus colegas masculinos de posições inferiores.

Há diversos casos de "maninterrupting" na mídia que estão em discussão. Como por exemplo: Kanye West interrompendo um discurso de aceitação de prêmio de Taylor Swift no VMA de 2009; o apresentador James Corden cortando a fala de Adele no Brit Awards de 2012; e o mais comentado, Donald Trump interrompendo Hillary Clinton em um dos embates de 2016.

Uma pesquisa feita pela BETC⁶ (2017), constatou que entre as 3 mil maiores empresas globais apenas 14,7% de executivos em altos cargos são mulheres. No cargo de CEO, esse número cai para 3,9%. Os estudos mostram ainda que 75% do tempo de fala em reuniões é tomado por homens. Ou seja: mesmo em posições de sucesso, nem sempre as mulheres são ouvidas.

A fim de trazer dados para ilustrar o *manterrupting*, a BETC, lançou o aplicativo *Woman Interrupted*, que quando ativado, conta quantas vezes a fala feminina é interrompida pela masculina. De acordo com Barradas⁷ (2017, citada por MARQUES, [online], 2017):

[...] a interrupção é ato quase involuntário, despercebido e inserido na cultura, mas é um problema mundial e grave. O objetivo é jogar luz sobre o tema. Só de colocar a discussão no ar, o comportamento de alguns homens já muda. A ficha, às vezes, só cai com o conhecimento.

Os homens interrompem porque as mulheres foram ensinadas a calar. Recentemente Martinelli (2017) trouxe o desabafo de Carmen Lúcia, a presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), sobre ser mulher no STF: “Não nos deixam falar, então nós não somos interrompidas.” É visível que quando se trata de uma mulher, a hierarquia não é respeitada, e inclusive as regras de um debate são quebradas. Fica subentendido que a fala da mulher é irrelevante, e que o homem sempre tem algo mais importante a contribuir.

Bropropriating

Bropropriating também é a junção de duas palavras em inglês (*bro* [abreviação de *brother*] + *appropriating* = homens que se apropriam). O *bropropriating* acontece quando um homem se apropria da ideia de uma mulher, e leva os créditos no lugar dela, tornando-a invisível (LIGUORI, 2015).

Muito comum em reuniões quando a mulher expõe uma ideia, é ignorada, e em seguida um homem expõe a mesma ideia, contudo é ouvido. É uma surdez seletiva correlacionada ao gênero. É negado às mulheres o direito de escrever a história, sendo que há séculos elas já o vem fazendo.

⁶ BETC – Agência de publicidade de São Paulo.

⁷BARRADAS, Gal - Sócia-Fundadora e Co CEO da BETC.

De acordo com Pauly (2017) podemos traçar uma breve linha do tempo com alguns dos feitos femininos:

Na era paleolítica, as pinturas rupestres são atribuídas a caçadores, quando um antropólogo mostra que os traçados encontrados foram feitos por mulheres. Em 1818, Mary Shelley publicou Frankenstein anonimamente, porém, seu marido escreveu o prefácio e as pessoas assumiram que ele estava por trás da obra. Já em 1859, após 10 anos trabalhando com engenheiros para projetar um sinalizador marítimo, Martha Coston é listada como administradora na patente. Seu marido há muito morto é listado como o inventor.

A partir de 1900, mais feitos femininos que foram desapropriados: 1904 Elizabeth Magie cria The Landlord's Game. Mais tarde, Charles Darrow patenteia uma versão modificada: Monopólio; 1908 Henrietta Leavitt descobre a relação período-luminosidade, seu trabalho é a chave para calcular as distâncias interestelares, mas os astrônomos masculinos enredam o crédito; 1938 a física Lise Meitner elabora o primeiro modelo de fissão nuclear. Otto Hahn publica o trabalho e aceita o Prêmio Nobel, retratando Meitner como sua assistente; 1939 Joan Clarke foi a única mulher a trabalhar no projeto de decodificação das máquinas Enigma ao lado de Alan Turing na segunda guerra mundial; 1946 o governo americano e cientistas homens realizam um jantar de gala para comemorar o primeiro computador eletrônico. Nenhuma das mulheres responsáveis pela programação é convidada; 1952 a cantora Big Mama Thornton é a primeira a gravar "Hound Dog", uma melodia escrita especialmente para ela. Mais tarde, Elvis Presley apresenta uma versão muito mais famosa da mesma música; 1953 a descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick depende dos estudos de decifração de raios-X de Rosalind Franklin, mas ela foi excluída do prêmio Nobel; 1961 Katherine Johnson é conhecida pela precisão na navegação astronômica informatizada, liderando trabalhos técnicos na NASA. Porém, viveu escondida na sombra de um engenheiro técnico que levava os créditos; 1986 Margaret Keane processa o ex-marido Walter Keane, afirmando que ela criou as pinturas de crianças de olhos grandes e animais que o fizeram famoso.

Por fim, alguns marcos importantes no século XXI: em 2007 - M.I.A. é uma artista, ativista, cineasta, cantora e compositora britânica. Repórteres masculinos creditam a seu ex algumas canções de seu álbum. Já em 2014 Whitney Wolfe processa Tinder, alegando que um colega executivo tirou seu título porque "ter uma jovem co-fundadora faz a empresa parecer uma piada". Em 2016 logo após a nadadora húngara Katinka Hosszú quebrar um recorde mundial nas Olimpíadas do Rio, a NBC dá os créditos a seu marido/treinador.

Através desses casos podemos ver a subvalorização das contribuições das mulheres em diversas áreas. Grandes pesquisadoras, atletas, artistas, etc., que foram encobertas pelo bropropriating.

Mansplaining

O termo é uma junção de man (homem) e explaining (explicar) = Homens que explicam. Ocorre quando um homem desmerece o conhecimento de uma mulher, e dedica seu tempo para explicar algo que lhe é obvio, como se ela não fosse capaz de compreender, afinal de contas é uma mulher (LIGUORI, 2015).

A palavra surgiu em após Rebecca Solnit participar de um programa de televisão sobre política, onde um dos convidados do sexo masculino explica-lhe um conceito que ela compreende muito bem. Após esse fato, Rebecca escreve o livro *Men Explain Things to Me*, que gerou muita repercussão, pois várias mulheres se identificaram com a situação. A discussão levou a cunhagem do termo mansplaining (LEWIS, 2014).

Segundo Assis (2016, [online]), "Nem o céu é o limite para o 'mansplaining'". Ela relata em uma reportagem que um homem tenta explicar o espaço para Jessica Meir, uma astronauta formada pela NASA. Jessica havia postado um vídeo no Twitter com o título "onde a água ferve espontaneamente". No vídeo ela está em uma câmara a mais de 19 mil metros de altura, simulando as condições ambientais. Casey O'Quin, um homem cujo perfil indica que provavelmente não é um astronauta, explicou para Meir "Não

diria que é algo espontâneo. A pressão ambiental ficou menor do que a pressão de vapor da água na temperatura ambiental. Termodinâmica básica”.

Há uma necessidade do homem em mostrar algum tipo de conhecimento, como se fosse o detentor de todos os saberes. A mulher, apenas aprendeu com ele, mas nunca o suficiente, pois ele mesmo sempre tem o que complementar. Esse comportamento desqualifica a fala da mulher, e principalmente suas capacidades intelectuais, já que com frequência, esse comportamento é acompanhado de uma fala muito didática.

Gaslighting

O termo Gaslighting, segundo Liguori (2015, [online]) designa “a violência emocional por meio de manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz”, e vem do filme de 1944, "Gaslight". No filme, o marido quer tomar a fortuna da sua esposa. Ele descobre que pode conseguir isso fazendo com que ela seja internada em uma instituição mental. Então, intencionalmente ele prepara as lâmpadas de gás (em inglês: "gaslights") de sua casa para ligarem e desligarem alternadamente. E toda vez que a mulher reage a isso, ele diz a ela que está vendo coisas.

O gaslighting é violência psicológica através da manipulação da vítima, com distorção e até mesmo ocultação de informações, com a finalidade de favorecer o abusador (LIGUORI, 2015, [online]). Ao longo de inúmeras repreensões, as mulheres perdem a espontaneidade, e não sabem mais como se expressar ou reagir na relação. Fazendo com que ela acredite que estava inventando problemas e situações. Sendo que a todo o momento estava sofrendo abuso.

Discriminação de gênero através da linguagem

A discriminação de gênero se expressa na linguagem de forma dominante, natural e silenciosa. Ela não é simplesmente definida, ela é imposta. Cixous⁸ (1981, citada por DALLERY, 1997) alerta que são oposições binárias que formam a base da cultura ocidental, e que essas classes polarizadas apresentam uma distribuição desigual de poder, onde sempre um dos termos é privilegiado. De forma sistemática, a experiência das mulheres foi reprimida, tornando-as inferiores. Assim, foi escrito seu corpo.

Como verificamos ao longo dessa revisão, a linguagem sexista reforça a dominação de gênero através de comportamentos machistas como o manterrupting, mansplaining, bropropriating e gaslighting. Todos esses comportamentos fazem parte do cotidiano nas mais diversas relações, de forma sutil e natural. São representações de relações desiguais que vem sendo repetidas indiscriminadamente.

Rodrigues et al (2009) explica que a discriminação é um (ou vários, nesse caso) comportamento que deriva do preconceito, e o preconceito, é uma atitude que depende dos estereótipos que estão relacionados ao objeto, e que, “quando o estereótipo é suficientemente forte, até os membros do grupo alvo tendem a aceita-lo” (RODRIGUES et al, p. 144, 2009).

Ao longo do tempo, as mulheres foram categorizadas de modo generalizado através da linguagem, ou seja, a informação veiculada estereotipada, de modo sutil e constante, que foi gerando comportamentos discriminatórios. Estes, violam a liberdade feminina, silenciando as mulheres, e roubando sua voz.

Dallery (1997, p. 64) afirma que:

Não só a voz ou a experiência das mulheres tem sido excluídas do âmbito do conhecimento ocidental, ou mesmo quando o discurso é sobre mulheres, ou quando as mulheres são os sujeitos que falam, elas ainda o fazem de acordo com códigos falocráticos.

⁸CIXOUS, H. 1981a. “The Laugh of the Medusa.” Trans. K. Cohen and P. Cohen. In *New French Feminisms*, ed. E. Marks, and I. de Courtivron. New York: Schocken.

Segundo Dallery (1997), nosso corpo é marcado pelo feminino ou masculino, e esses significados se dão através do discurso. As palavras dão forma ao corpo e aos desejos que aquele sujeito irá possuir. Porém, como o discurso é masculinizado, essa fala patriarcal que tem marcado o corpo da mulher. “Não é que a mulher seja um sujeito como qualquer outro sujeito; ela é um escravo. Sua servidão não é um papel assumível, mas está inscrita em sua própria identidade feminina” (NYE, 1995, p. 143), que foi escrita e inscrita pelo discurso falocêntrico, para ela mesma (DALLERY, 1997).

“As estruturas da linguagem e outras partes significantes que codificam o corpo da mulher são tão opressivas quanto as estruturas materiais/sociais que têm mediado a percepção do corpo e do ser [...]” (DALLERY, 1997, p. 64). Dessa forma o homem rouba sua voz e seu poder, assumindo o protagonismo, o lugar de falar.

O machismo se apropria da voz feminina, fazendo-a sucumbir no invisível. Ao suprimir a voz através desses comportamentos, podemos perceber que se esvae uma enorme quantidade de características. A voz que vai muito além do som, a voz do simbólico, do subjetivo, da constituição do sujeito. Ao capturar essa capacidade da mulher, está tomando ela dela mesma, e de todo o seu universo de sentido. Causando um estranhamento, pois não é reconhecida em seu discurso.

Como sujeito social, o indivíduo é produto da interação com o meio, dos discursos que o atravessam ao longo da vida, é uma construção e desconstrução contínua que ocorre através da interação. Ao se apropriar da voz da mulher, se destitui sua subjetividade, e institui o machismo, propagando a discriminação. Daí a importância de elucidarmos tais comportamentos, enfatizando o papel da linguagem. Afinal, “em um mundo onde a linguagem e o nomear as coisas são poder, o silêncio é opressão e violência” (RICH⁹, 1983, citada por FRANCO E CERVERA, 2014, p. 15).

Considerações Finais

⁹ RICH, Adrienne. Sobre mentiras, secretos y silencios. Barcelona: Icaria. 1983.

O propósito deste artigo era analisar a construção da linguagem sexista. Para isso buscamos melhor compreender de que formas a discriminação de gênero se expressa na linguagem, e se sua utilização é um modo de criar e ou reforçar dominação de gênero. A partir disso, encontramos comportamentos que derivam da utilização da linguagem sexista.

Pudemos perceber que além de privilegiar o gênero masculino a fim de manter relações desiguais de poder sobre as mulheres, a linguagem sexista corrobora com a manutenção de comportamentos discriminatórios. Estes, influenciam na constituição da subjetividade feminina e como consequência roubam sua voz, consecutivamente seu poder.

A partir de tudo isto, foi possível concluir que é fundamental problematizar esse aspecto, a fim de desconstruir a forma como nos comunicamos e estabelecemos nossas relações, pois a repercussão da linguagem sexista é inscrita no corpo, e traz prejuízos a longo prazo para as mulheres.

Ao interrogar a construção da linguagem sexista, questionamos os sistemas que permeiam a constituição do sujeito, como a família e a escola, onde essa construção se dá com afinco, reproduzindo sistematicamente a discriminação através da linguagem sexista. É fundamental problematizar as relações de gênero que se estabelecem de forma natural, pois esse conhecimento proporciona uma nova lente para assimilarmos o mundo, voltada para a construção da igualdade nas relações.

[...] A língua é um instrumento flexível, em evolução constante, que pode ser perfeitamente adaptada a nossa necessidade ou ao desejo de comunicar, de criar uma sociedade mais equitativa. Portanto, as línguas não são inertes, e sim instrumentos em trânsito, pois se uma língua não mudar, se não evoluir para responder às necessidades da sociedade que a utiliza, está condenada a perecer, converte-se em uma língua morta (FRANCO E CERVERA, 2014, p. 26).

É necessário fomentar discussões e pesquisas na área, a fim de contribuir para a atualização da linguagem de acordo com as necessidades da sociedade. Quebrar ideologias cristalizadas, com o propósito de uma linguagem inclusiva. Dessa forma será possível eliminar comportamentos

discriminatórios, o que é de grande significado para modificar a forma que as relações se estabelecem, empoderar as mulheres, devolver-lhes o que é seu, mas que lhes é constantemente expropriado: sua voz.

Referências

ASSIS, Carolina de. **Nem o céu é o limite para o 'mansplaining': homem tenta explicar o espaço a astronauta.** Opera Mundi. UOL. 2016. Disponível em: < <http://operamundi.uol.com.br/blog/samuel/transtudo/nem-o-ceu-e-o-limite-para-o-mansplaining-homem-tenta-explicar-o-espaco-a-astronauta/>>. Acesso em: 01 jun 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor Conquistado: O Mito do Amor Materno.** Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Josemar J. **Aspectos da interação e processamento no discurso terapêutico.** Recife: O Autor, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/8003/jjb.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 abr 2017.

BETC, SÃO PAULO. In: **Facebook.** 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/betcsaopaulo/posts/1227629820685825>>. Acesso em: 20 mar 2017.

COLLING, Ana. A construção da história do Feminino e do masculino. In: STREY, Marlene N; CABEDA, Sonia T.L.; PREHN, Denise R. **Gênero e Cultura – questões contemporâneas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.13-38. GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DALLERY, Arleen B. A política da escrita do corpo: écriture feminine. IN: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 62-78.

FRANCO, Paki V.; CERVERA, Julia P. In: **Manual para o uso não sexista da linguagem**: o que bem se diz, bem se entende. Tradução de Beatriz Cannabrava. Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014, p.26. Disponível em: <http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso em: 17 jun 2016.

GONSALVES, Elisa P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5ª ed. revisada e ampliada. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

LEWIS, Helen. The Essay That Launched the Term "Mansplaining": Rebecca Solnit's 'Men Explain Things to Me' explains this international scourge. **NEW REPUBLIC**. 04 July 2014. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/118555/rebecca-solnits-men-explain-things-me-scourge-mansplaining>>. Acesso em: 22 abr 2017.

LIGUORI, Máira. **O machismo também mora nos detalhes**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes>>. Acesso em: 12 maio 2016.

MARQUES, Jairo. Interrupção da fala de mulher gera controvérsia e vira alvo até de aplicativo. **Folha de S.Paulo**. 5 mar 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1863725-interruptao-da-fala-de-mulher-gera-controversia-e-vira-alvo-de-aplicativo.shtml>>. Acesso em 20 mar 2017.

MARTINELLI, Andréa. **Carmen Lúcia sobre ser mulher no STF: 'Não nos deixam falar, então nós não somos interrompidas'**. HUFFPOST Brasil. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/05/11/carmen-lucia-sobre-ser-mulher-no-stf-nao-nos-deixam-falar-ent_a_22082291/?ncid=fbklnkbrhpmg00000004>. Acesso em: 18 mai 2017.

MONTESANTI, Beatriz. 'Maninterrupting': a prática sexista de interromper uma mulher quando ela está falando. In: **NEXO JORNAL LTDA**. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/28/%E2%80%98Maninterrupting%E2%80%99-a-pr%C3%A1tica-sexista-de-interromper-uma-mulher-quando-ela-est%C3%A1-falando>>. Acesso em: 20 mar 2017.

NYE, Andrea. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro. Editora: Rosa dos Tempos, 1995.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alain Touraine. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAULY, Madison. "I Made That Bitch Famous". A brief history of men getting credit for women's accomplishments. *In: Mother Jones*. Mar/Apr 2017 Issue. Disponível em: <<http://www.motherjones.com/media/2017/03/men-taking-credit-women-history>>. Acesso em: 01 abr 2017.

PREHN, Denise R. Divisão sexual do trabalho: isso é coisa de mulher? *In: Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Marlene Neves Strey (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análises histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V16, Nº 2. P 5-22. jul/dez 1990.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TRINDADE, Ana L. **Orientações para normalização de trabalhos acadêmicos: normalização segundo ABNT**. Canoas, 2015. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/upload/4d4b9f11e2dcaa4cb56c9a55f4fc75de.pdf>>. Acesso em: 16 jun 2016.